

REVISTA DIALOGO E INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

18

NÚMERO
02



FACCREI

A IMAGEM DA HEROÍNA ROMÂNTICA EM *MISS DOLLAR*, DE MACHADO DE ASSIS

LA IMAGEN DE LA HEROÍNA ROMÂNTICA EN *MISS DOLLAR*, DE MACHADO DE ASSIS

241

Carla Cristina Zurutuza*

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o conto *Miss Dollar*, de Machado de Assis, explorando a representação da heroína romântica *Miss Dollar* (1870), abordando as personagens Miss Dollar, doutor Mendonça e Margarida, situando o conto no contexto Romantismo Brasileiro do século XIX. A pesquisa foi estruturada a partir de uma breve introdução na perspectiva de conceituar o conto, falando sobre o movimento literário do Romantismo Brasileiro. Na sequência, abordamos outro momento de *Miss Dollar*: a galga enganosa, narrativa marcada por ironia e sátira, características da escrita machadiana, que questiona os padrões sociais e literários da época. Reconhecemos Machado de Assis como um dos maiores críticos do Brasil, e tecemos comentários sobre as características das personagens femininas nas obras machadiana. Para embasar nossa análise bibliográfica, pautamo-nos nos estudos de: Massaud Moisés (1994); Nádia Gotlib (entre outros teóricos relevantes para a pesquisa.), Alexandre Andrade (2019), Alfredo Bosi (2017), Lúcia Granja; Odair Santana Júnior (2018), Denise Bergamini (2013), John Gledson (2006), Onédia Célia Barboza (1974), Maria Edileuza da Costa (2008), Carlos Bauer (2001) e Jaqueline Padovani da Silva (2015), Luiz Costa Lima (1981), entre outros estudos relevantes para entendemos o objetivo proposto. O estudo analisa de que maneira a presença feminina na narrativa revela a procura por independência e liberdade, enquanto ainda está sujeita às limitações impostas pela sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE: Miss Dollar. Heroína Romântica. Figura feminina. Representação Social.

*Doutoranda em Estudos de Linguagens [Campo Grande] pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bolsista FUNDECT/MS - CNPq. Graduações em Letras: Bacharela (2018), Português e Espanhol (2022), todas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestre em Letras [Campo Grande] pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2021). Professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar el cuento *Miss Dollar*, de Machado de Assis, explorando la representación de la heroína romántica *Miss Dollar* (1870), acercándose a los personajes Miss Dollar, Doctor Mendonça y Margarida, ubicando el cuento en el contexto del romanticismo del siglo XIX. La investigación se estructuró a partir de una breve introducción desde la perspectiva de la conceptualización del cuento, hablando del movimiento literario del Romanticismo brasileño. A continuación, abordamos otro momento de *Miss Dollar*: la galga engañosa, una narrativa marcada por la ironía y la sátira, características de la escritura de Machado, que cuestiona los estándares sociales y literarios de la época. Reconocemos a Machado de Assis como uno de los mayores críticos de Brasil y comentamos las características de los personajes femeninos en las obras de Machado. Para sustentar nuestro análisis bibliográfico nos basamos en estudios de: Massaud Moisés (1994); Nádia Gotlib (entre otros teóricos relevantes para la investigación), Alexandre Andrade (2019), Alfredo Bosi (2017), Lúcia Granja; Odair Santana Júnior (2018), Denise Bergamini (2013), John Gledson (2006), Onédia Célia Barboza (1974), Maria Edileuza da Costa (2008), Carlos Bauer (2001) y Jaqueline Padovani da Silva (2015), Luiz Costa Lima (1981), entre otros estudios relevantes para comprender el objetivo propuesto. El estudio analiza cómo la presencia femenina en la narrativa revela la búsqueda de independencia y libertad, sin dejar de estar sujeta a las limitaciones impuestas por la sociedad de la época.

PALABRAS CLAVE: Señorita dólar. Heroína romántica. Figura femenina. Representación Social.

1 Introdução

Historicamente, as mulheres foram marginalizadas em sociedades patriarcais, vistas como figuras invisíveis e confinadas a espaços domésticos. No ponto de vista de Michelle Perrot, em *Minha história das mulheres* (1998, p. 17), a autora pontua que “[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. [...] As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez”. Este contexto cultural molda como as mulheres são representadas na literatura, incluindo as obras de Machado de Assis.

Dessa maneira, prolongada por tempos em que a sociedade é condicionada a acreditar que os espaços destinados à mulher seriam no fogão, como mães e em tarefas do lar, contemplando, assim, a invisibilidade a elas imposta.

Ao lermos o conto de Machado de Assis, percebemos que, por meio do narrador, ele apresenta Miss Dollar, despertando, dessa maneira, a curiosidade do

leitor em conhecer Miss Dollar, visto que, ao apresentá-la como padrão social “adequado”, isto é, mostrou-a como um modelo predeterminado de valores e de hierarquia mantida nas famílias, com o intuito de representação social, tal como se esperava das mulheres da época. Logo, Miss Dollar é representada socialmente pelos jornais, podendo ser uma senhora “miss”, no padrão social exigido pela sociedade da época, que Machado de Assis define como poética, mas não a heroína do conto. A cobiça pelo dinheiro e pela ascensão social são necessidades nas representações sociais devido às classificações que orientam o mundo.

Vale destacar, nesse sentido, a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, que englobou o continente europeu e os Estados Unidos e que se expandiu para outros países, inclusive para o Brasil. Para a sociedade da época, a mulher, além de seus afazeres do lar, mantinha uma jornada de trabalho dupla, diferentemente de hoje, quando as mulheres estão reivindicando espaços e “rompendo” a inferiorização imposta pela organização social. Dessa maneira, o conto *Miss Dollar*, de Machado de Assis, é uma ironia e sátira ao perfil da mulher submissa, oprimida e do modelo euro-americano representado pelo mundo.

Para este estudo, dividimos em: 1) abordarmos a perspectiva do conceito do gênero conto; 2) fornecemos alguns dados sobre a vida do autor, alguns artigos e teses referentes à fortuna crítica do escritor Machado de Assis; e, por fim, 3) tecemos algumas ponderações a respeito da perspectiva da representação da figura feminina machadiana em busca de uma certa independência, liberdade e autonomia, tentando “romper” com a sociedade na qual está inserida.

Portanto, o conto *Miss Dollar*, Machado satiriza o ideal romântico de mulher. A história representa Miss Dollar como um “padrão social apropriado”, contudo, evidencia que a personagem não é a típica heroína romântica. Este estudo examina como Machado desmonta o estereótipo da heroína romântica por meio da ironia e da sátira, investigando o efeito das convenções sociais na formação das heroínas.

2 Perspectiva de conceituação do gênero conto

Na perspectiva de conceituação do conto, consultamos o *Dicionário de termos literários*, e buscamos a definição do verbete conto. Massaud Moisés (2004) o entende como “Lat. *computus*, cálculo, conta, ou *contus*, gr. *kóntos*, extremidade da lança; ou *commentus*, invenção, ficção; ou deverbal de *computare*, calcular, contar. Fr. *conte*; esp. *cuento*; ing. *short-story* ou *tale*; al. *Novelle*, *Erzählung* ou *Märchen*; it. *novelle*, *racconto*” (Moisés, 2004, p. 86, *grifos do autor*). Para Moisés, desde a Idade Média até ganhar notoriedade, no século XIX, os contos são narrativas de origem das novelas e dos romances ligados aos fatos do passado, com características históricas entre relatos e registro de ocorrências, aproximando-se das fábulas contadas.

Os contos voltavam-se para a significação atual, aos fatos do cotidiano, das coisas locais, simples e diárias. Dessa maneira, historicamente, os contos são acontecimentos com compromisso de registros, tanto do passado como do presente, possibilitando a recuperação com o passar do tempo, isto é, gerando documentos para o futuro, devido a sua narrativa breve e concisa destacando contos de escritores, como: Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Machado de Assis, Coelho Neto, Afonso Arinos, Maria Judite de Carvalho, Clarice Lispector (Moisés, 2004, p. 87). Dessa maneira, para ele, o conto se distingue por sua narrativa breve e concisa, frequentemente ligada ao cotidiano. Logo, Machado um dos maiores contistas brasileiros, utiliza o conto como forma de registro histórico-cultural, mesclando ironia, sátira, crítica social e humor.

Já a estudiosa Nádia Gotlib, em *A Teoria do conto* (2004), entende o verbete conto, como:

O contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um *relatar* acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que *o acontecido seja trazido outra vez*, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido (Gotlib, 2004, p. 8, *grifos da autora*).

Para essa autora, o conto é uma arte de narrar e relatar, pois ambos perpassam pelo ato de contar, e recontar histórias e, posteriormente, essa arte está ligada aos

relatos. No Brasil, o início do século XIX, foi o período literário do Romantismo e foi fundamental para a produção literária de alguns escritores, como: José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Junqueira Freire. Buscava-se circunscrever a historiografia e a identidade literária brasileira, por meio de temáticas que destacavam: a exaltação da natureza, o herói, o amor, a pátria, a religião, priorizando o nível estético. Porém, contradizendo alguns escritores, Machado entende o que está sendo proposto e escrito e quer romper com a tradição literária que estava estabelecida.

O estudioso Alexandre Andrade, em *A crítica machadiana aos românticos* (2019), pondera que como “precursor da crítica literária brasileira, Machado foi o primeiro grande escritor a tratar criticamente os autores românticos, apontando, de forma equilibrada, as falhas e os acertos dessa geração” (Andrade, 2019, p. 35). Dessa forma, Machado de Assis é considerado um grande contista e cronista que seguiu características de escrita como forma de registro, utilizando uma preciosidade atemporal. Em seus contos, podem ser encontrados fatores histórico-culturais, humorísticos, do cotidiano, de cunho político, ironia, sátira e certa crítica social.

Alfredo Bosi (2017), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que “na ânsia de reconquistar “as mortas estações” e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos: a nação e o herói” (Bosi, 2017, p. 99), ou seja, a nação figurando o patriota com a ideia de força e exaltação exagerada do nacionalismo, e o herói reinventado pelo homem romântico para assumir dimensões titânicas. Machado, entretanto, questiona esses mitos, desagregando a imagem da heroína romântica em *Miss Dollar*.

Dessa forma, propomos analisar *Miss Dollar*, texto em que se desagrega a imagem da heroína romântica. É um conto criado pelo escritor Machado de Assis, que usava pseudônimos, como J. J., J ou Job, para publicar no *Jornal das Famílias*, entre 1864 e 1869. Posteriormente, o conto foi integrado ao livro *Contos Fluminenses* (1970), reunindo uma coletânea de sete contos: *Miss Dollar*, *Luís Soares*, *A mulher de preto*, *O segredo de Augusta*, *Confissões de uma viúva moça*, *Linha reta e linha curva*, *Frei Simão*.

3 Miss dollar: a galga enganosa e a figura feminina

Historicamente, a literatura tem sido constituída e marcada pelo patriarcalismo e as representações de figuras femininas estão pautadas pela violência, pela submissão e pela opressão por parte dos representantes do sexo masculino. Alguns exemplos ficcionais do que afirmamos aqui podem ser encontrados em obras, como *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Em meados do século XIX, Machado de Assis manifestou reflexões em suas obras sobre uma sociedade brasileira que vivia de aparências, e na qual as pessoas são conduzidas pelos interesses próprios e tentavam ser inseridas na nobreza, em pleno declínio do regime imperial. Por falar nisso, Luiz Costa Lima (1981, p. 219), em *Representação social e mimesis*, utiliza a seguinte argumentação: “pelo qual uma cultura, uma sociedade, uma classe ou um grupo estabelece e diferencia valores, concebe critérios de identificação social, de identidade individual e de distinção sócio-individual”. Em outras palavras, para ele, estar inserido na sociedade seria uma ordem hierárquica, constitutiva da classificação, sendo um princípio de representação social, devido aos critérios estabelecidos.

Ao situarmos o contexto histórico-social do conto, quando se anuncia o desaparecimento de Miss Dollar nos seguintes jornais: *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil*, nota-se que pode ser uma pessoa da nobreza desaparecida. A respeito dos jornais, os pesquisadores Lúcia Granja e Odair Dutra Santana Júnior (2018), em *Aquém e além-mar: agentes, textos e estratégias na publicação de romances-folhetim do Jornal do Commercio (1827-1863)*, tecem as seguintes ponderações “os empresários-jornalistas Pierre Plancher e Junius Villeneuve, instalaram-se no Rio de Janeiro e estiveram à frente de um dos mais importantes periódicos que circularam no Brasil durante o século XIX, o *Jornal do Commercio*, bem como de sua tipografia” (Granja; Santana Jr., 2018, p. 32, grifos dos autores).

Diante disso, o título do conto é uma forma irônica e sátira machadiana,

Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar. Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. [...] A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. A figura é poética, mas não é a da heroína do romance (Assis, 2012, p. 9).

Machado de Assis, por meio do narrador onisciente, apresenta Miss Dollar com várias características femininas, notando-se, porém, a ironia e a sátira, “a figura é poética, mas não é a da heroína do romance”, contradizendo a imagem da figura poética feminina romântica da época.

Machado foi um crítico durante o Romantismo, e o narrador expõe:

Desta vez será uma robusta americana, vertendo sangue pelas faces, formas arredondadas, olhos vivos e ardentes, mulher feita, refeita e perfeita. Amiga da boa mesa e do bom copo, esta Miss Dollar preferirá um quarto de carneiro a uma página de Longfellow, coisa naturalíssima quando o estômago reclama, e nunca chegará a compreender a poesia do pôr-do-sol. Será uma boa mãe de família segundo a doutrina de alguns padres-mestres da civilização, isto é, fecunda e ignorante (Assis, 2012, p. 9-10).

Convém pontuar que estamos abordando um contexto social em que a mulher é configurada como esposa, mãe e dona de casa, isto é, o sistema patriarcal subestimando a representação da mulher na sociedade em que está inserida. O estudioso Costa Lima acrescenta que: “o mundo social é “visto” a partir das classificações, essas, de sua parte, se motivam pelo mundo social” (Costa Lima, 1981, p. 220). Dessa maneira, a identidade social é pensada a partir das classificações e representações estabelecidas por padrões normativos pré-estabelecidos pela sociedade, e impondo a mulher a submissão e opressão, isto é, relacionados ao poder e à hierarquia.

O narrador contempla que “A Miss Dollar do romance não é a menina romântica, nem a mulher robusta, nem a velha literata, nem a brasileira rica. Falha desta vez a proverbial perspicácia dos leitores; Miss Dollar é uma cadelinha galga” (Assis, 2012, p. 10). Logo, temos a imagem da não heroína romântica, o autor ironiza e nos engana, ao descrever as características da cadelinha Miss Dollar, como uma figura feminina. Dessa maneira, Costa Lima (1981, p. 218) argumenta que “o produto mimético é a ilustração seja da sociedade condicionante, seja da individualidade

criadora”, o autor enxerga os traços do individualismo característica do mundo contemporâneo.

No romance *Juvenília*, de Jane Austen e de Charlotte Brontë (2014), identificamos a imagem da heroína romântica,

ao mesmo tempo que Mary desperta a simpatia e a admiração, no fim ela continua tendo traços demais da heroína romântica convencional: estava ali, usando um suntuoso vestido de cetim [...] com a luz débil e um único lampião iluminando seu rosto branco e refletindo nas lágrimas que havia em seus cílios e em suas faces pálidas e suaves (2014, p. 24).

Dessa forma, temos uma representação da heroína romântica convencional, está é uma das molduras representada para as mulheres, porém, estão tentando “romper” com estereótipos e normas estabelecidas. Diante do exposto, Jane Austen e Charlotte Brontë apresentam uma nova imagem da heroína romântica:

E ela se torna cada vez mais desconfiada, choramingona, entediante — fazendo com que tanto o marido quanto sua criadora percam o interesse. Uma descrição posterior, de 1839, a mostra como arrogante e fria, completamente desagradável. Talvez tenha sido levada a isso pela crueldade do marido, mas não sentimos mais nenhuma simpatia por ela. Charlotte segue adiante e, com Mina Laury, nós a vemos fazer uma experimentação com um novo tipo de heroína (2014, p. 24).

Na ficção, verifica-se, cada vez mais, a existência de temáticas e personagens femininas que tentam desconstruir e superar as submissões, a violência e o silenciamento imposto pelo sistema patriarcal. Dessa maneira, os contos machadianos representam construções das personagens femininas em mulheres fortes, ambiciosas, decididas, sensuais, misteriosas. Conforme Denise Lopes Bergamini, em *As mulheres no conto de Machado de Assis* (2013), aponta que “percebemos que ela é daquele rol de mulheres machadianas que são dotadas de beleza e graça, sedução e magnetismo, colocadas quase como deusas” (Bergamini, 2013, p. 8).

Para o consumo das obras machadianas havia um grande público de leitoras femininas que acompanhavam suas publicações nos folhetins. A respeito disso, o estudioso John Gledson, em *Por um novo Machado de Assis: ensaios* (2006) acrescenta:

O Jornal das Famílias e A Estação eram revistas femininas, e Machado não apenas escreveu muito para elas; ele foi seu espírito orientador, ao menos no aspecto literário. Esse esforço de produzir uma literatura que estimulasse as mulheres brasileiras é um dos traços menos conhecidos da carreira desse suposto retraído (Gledson, 2006, p. 37).

Gledson reforça a relação do escritor com suas leitoras, e aponta que Machado problematizava questões, como: casamento, traição, relação social, morte, escravidão, entre outros. Miss Dollar não é a personagem de figura feminina, mas a personagem Margarida. Ao falarmos das personagens, encontramos as quatro principais: Miss Dollar, Margarida, Doutor Mendonça, Dona Antônia. O cenário do conto são as ruas do Rio de Janeiro, no século XIX, e especificamente, na rua Matacavalos.

Um outro aspecto, que se nota em *Miss Dollar* é a estabilidade financeira das personagens, um médico instruído, com posses, dois escravos, e coleções de cães. As duas senhoras, tia e sobrinha, sendo essa última dona de Miss Dollar, cachorra de raça galgo, as quais ofereciam a recompensa de duzentos mil-réis para quem devolvesse Miss Dollar, moravam em uma bela casa e tinham posses devido à partilha de bens, Margarida era considerada uma viúva rica.

Diante do exposto, essa representação social é abordada por Luiz Costa Lima (1981), visto que a literatura brasileira do século XIX imitava a realidade para mostrar a sociedade como ela era e enfatiza que “cada membro de uma sociedade se representa a partir dos critérios classificatórios a seu dispor. As representações são, por conseguinte, os meios pelos quais alocamos significados ao mundo das coisas e dos seres” (Costa Lima, 1981, p. 2019). Vale ressaltar que estamos em uma sociedade em decadência.

A aproximação de Margarida e Doutor Mendonça se dá por meio do sumiço de Miss Dollar. Revelamos a personagem Margarida, no ponto de vista de aspectos físicos, descrita como de pele branca, cabelos castanhos e ondedos, olhos cores de esmeraldas, e lábios pequenos, ao comprovarmos:

Era uma moça que representava vinte e oito anos, no pleno desenvolvimento da sua beleza, uma dessas mulheres que anunciam velhice tardia e imponente. O vestido de seda escura dava singular realce à cor imensamente branca da sua pele. Era roçagante o vestido, o que lhe aumentava a

majestade do porte e da estatura. O corpinho do vestido cobria-lhe todo o colo; mas adivinhava-se por baixo da seda um belo tronco de mármore modelado por escultor divino. Os cabelos castanhos e naturalmente ondedos estavam penteados com essa simplicidade caseira, que é a melhor de todas as modas conhecidas; ornavam-lhe graciosamente a fronte como uma coroa doada pela natureza. A extrema brancura da pele não tinha o menor tom cor-de-rosa que lhe fizesse harmonia e contraste. A boca era pequena, e tinha uma certa expressão imperiosa. Mas a grande distinção daquele rosto, aquilo que mais prendia os olhos, eram os olhos; imaginem duas esmeraldas nadando em leite (Assis, 2012, p. 13).

Quando o narrador descreve Margarida, posteriormente, o leitor nota o interesse e paixão de Doutor Mendonça por Margarida, ou seria conivente ao status social que poderia favorecer. Porém, pensarmos no momento literário do contexto da obra, aproxima-se do Romantismo brasileiro, e existe um certo tipo de desmitificação desse excesso de amor idealizado, da mulher bela, virgem, submissa, esposa, mãe. A partir do momento que ele a vir, deseja-a como a mulher de sua vida, no contexto histórico, ela estava inserida em uma sociedade extremamente patriarcal, no entanto Margarida age e se comporta como uma viúva.

Segundo Denise Lopes Bergamini (2013), quando refletimos sobre a viuvez nas obras machadianas,

[...] assim como a extensa maioria das mulheres machadianas (para além das viúvas), não se prende às imagens femininas arquetípicas favorecidas pelos românticos mais extremados. Na condição de viúva, as prováveis razões que a impulsionam ao desejo de desfazer-se de seu estado civil “cômodo” e, em certo sentido, autônomo talvez estejam relacionadas à possibilidade de compartilhar, mais uma vez, a energia intensa e o calor de um relacionamento amoroso (Bergamini, 2013, p. 143).

A viuvez de Margarida não permitia para o amor idealizado, para ela não existia outra forma de amar, e dispensou cinco casamentos, sucessivamente, uma vez que estava cética ao amor devido ao seu relacionamento matrimonial anterior. Bergamini pondera “que todas as viúvas eram mulheres bastante experiente” (Bergamini, 2013, p. 141). Margarida poderia até se apaixonar pelos pretendentes, visto que a experiência do casamento não a deixava idealizar tal romantismo e, assim, fechava-se aos olhares de Mendonça,

Margarida parecia indiferente às interpretações do mundo como à assiduidade do rapaz. Seria ela tão indiferente a tudo mais neste mundo? Não; amava a mãe, tinha um capricho por Miss Dollar, gostava da boa

música, e lia romances. Vestia-se bem, sem ser rigorista em matéria de moda; não valsava; quando muito dançava alguma quadrilha nos saraus a que era convidada. Não falava muito, mas exprimia-se bem. Tinha o gesto gracioso e animado, mas sem pretensão nem faceirice. Quando Mendonça aparecia lá, Margarida recebia-o com visível contentamento. O médico iludia-se sempre, apesar de já acostumado a essas manifestações (Assis, 2012, p. 20).

Logo, as manifestações apontadas por Mendonça são representadas pelo silêncio, uma vez que Margarida não correspondia a esse amor, sinalizando sua viuvez e que não poderia amar novamente. Por mais que esteja inserida em uma sociedade burguesa, Margarida dispensava esse romantismo, até mesmo pela experiência que teve, apesar disso estava encantada por Mendonça. Ao retomarmos, Costa Lima propõe que “as representações são estas múltiplas molduras em que nos encaixamos sem nos determos, a maioria das quais aprendemos pelo simples comércio com os outros membros de nosso grupo” (Costa Lima, 1981, p. 221). O lugar social no qual Margarida está inserida constitui molduras aprendidas com as nossas interações sociais, uma vez que o mundo é a representação desse espaço. Sabemos que a *mimesis* não imita o real, mas tornou-se uma concepção da representação, e isso influenciava em suas escolhas, em seu comportamento devido aos padrões.

Já na personagem Mendonça, o narrador descreve um total apaixonado que estava melancólico, sofria por esse amor não correspondido e tinha comportamento mudados “cada repulsa de Margarida aumentava a paixão de Mendonça” (Assis, 2012, p. 19). A estudiosa Onédia Célia de Carvalho Barboza, em *Byron no Brasil: Traduções* (1974) argumenta que “a arte de Byron para eles eram as narrativas fantásticas, as descrições de terras e costumes estranhos, os personagens fascinantes, o lirismo, às vezes melancólico e confidencial, às vezes veemente e exaltado [...]” (Barboza, 1974, p. 19). Diante do movimento literário do Romantismo houve a geração mal do século, os ultrarromânticos o excesso de sentimentalismo, o egocentrismo, e essas características estão presentes na personagem Mendonça:

Mendonça parecia com efeito ressurgir de um túmulo; tinha emagrecido e empalidecido. A melancolia dava-lhe ao rosto maior expressão de abatimento. Alegou trabalhos extraordinários, e entrou a conversar alegremente como dantes. Mas essa alegria, como se compreende, era toda forçada. No fim de um quarto de hora a tristeza apossou-se-lhe outra vez do rosto. Durante esse tempo, Margarida não apareceu na sala; Mendonça, que

até então não perguntara por ela, não sei por que razão, vendo que ela não aparecia, perguntou se estava doente (Assis, 2012, p. 24).

Tanto o doutor Mendonça quanto Margarida não conseguem esconder o amor que ambos sentem um outro pelo outro, um amor não correspondido devido a medos, por frustrações no caso de Margarida, que se sentiu usada pelo esposo, devido as suas posses e riquezas, a hierarquia social. Em Mendonça, esse excesso de idealizar o amor atrapalha o romance, representando sofrimento amoroso para ambas as personagens o afastamento e o amor que não é correspondido.

A literatura ficcional brasileira contemporânea apresenta personagens protagonistas mulheres, por mais que são representadas por molduras de padrões normativos adequados para a sociedade da época. Nas narrativas de Machado de Assis, observa-se a imagem da heroína romântica em relação à figura feminina é construída culturalmente, isto é, com as representações das interações sociais tornando-se visível.

Ao citarmos as representações, recuperamos Costa Lima que salienta que “não representamos porque queremos e quando queremos, mas o fazemos como maneira de nos tornamos *visíveis* e ter o outro como *visível*” (Costa Lima, 1981, p. 222, grifos do autor). Dessa maneira, a literatura é o espaço ficcional no qual carregamos valores, ideologias e visão de mundo, permitindo moldarmos personagens complexos e reais e podemos ressignificar às mulheres, até então invisíveis à sociedade. Essa representação as torna visíveis para nós e para os outros, visto que se faz ouvida e conhece o outro reconhecendo a sua existência e concedendo voz.

Nesse sentido, valem a pena os estudos de Maria Edileuza da Costa, em *Lindóia, moema... carolina, iracema: mitos românticos da literatura brasileira* (2008), faz as seguintes considerações,

[...] Depois de Carolina, inúmeras personagens vão surgindo: Aurélia, Iracema, Cecília, Capitu. Envolvidas, despidas, delicadas, submissas, enfim a figura feminina vai tomando formas e sendo construída culturalmente. Nas passagens ininterruptas dos discursos, ocupando espaços entre passado e presente das narrativas, preenchendo lacunas entre o vivido e o recordado, vivendo o acontecido e o desejado, o escritor brasileiro vai construindo o feminino, e com ele a representação da mulher na sociedade em que foi produzida (Costa, 2008, p. 147-148).

Dessa forma, observamos a representação feminina nos romances brasileiros, ao falarmos da heroína romântica encontramos o seguinte argumento,

[...] à figura do herói, a figura feminina tinha seu papel definido em duas dimensões paralelas: ou eram deusas e musas, atuando na dimensão mítica, ou eram mulheres mortais, atuando na dimensão real. Em ambas as dimensões, sua função era contribuir para o heroísmo do homem, quer por influência positiva, quer por influência negativa, ou seja, tanto através do amor, quanto através do ódio, as figuras femininas, ainda que sob certas circunstâncias atuassem como verdadeiras guerreiras serviam de instrumento para a formação do herói (Costa, 2008, p. 155).

Mendonça usa o sentimentalismo, e, Margarida, a racionalidade. A preocupação das personagens estava no que a sociedade iria pensar de um homem solteiro ir visitá-las, logicamente, que às visitas são de cortejos para Margarida, porém estão inseridos em uma sociedade patriarcal, devido as mulheres serem julgadas por tais atitudes e comportamentos. Conforme Edileuza Costa atesta,

O espaço literário constitui-se em um meio de comunicação que expressa e afirma valores e ideologias. Através das produções literárias desenvolvidas ao longo dos tempos, podemos perceber o quanto a figura feminina esteve atrelada a uma lógica de dependência que a direcionava para a posição de servir (Costa, 2008, p. 154).

Na historiografia literária, há diversas representações da naturalização da violência contra a mulher, manifestadas por meio do sistema patriarcal em relação a opressão, submissão, invisibilidade ou silenciamento impondo à mulher a dominação masculina, e relegando-a a papel secundário, inferiorizada e confinada ao espaço doméstico, isto é, como mãe, esposa, e dona de casa.

Segundo Carlos Bauer, tanto a mulher da sociedade medieval quanto a contemporânea, a presença delas estão vinculadas ao patriarcado e a religião. Para o estudioso,

Esposa, mãe e viúva, as três situações vividas pela mulher dentro do meio familiar mostram as desigualdades no valor e na importância da mulher para a família. Não bastava ser esposa, muito menos viúva, era preciso que fosse mãe. A capacidade de gerar filhos, principalmente do sexo masculino, garantia-lhe um lugar entre os demais familiares. Sendo mãe, quando era viúva teria certa ascendência, ao menos moral sobre os filhos (Bauer, 2001, p. 24).

Dessa forma, foram destinadas ao espaço doméstico e preparadas para serem esposa, mãe e, por isso, executam as tarefas relacionadas ao lar, vivendo uma situação de subalternidade e inferioridade em relação aos homens. Contudo, na obra machadiana, essas mulheres estão tentando romper com o sistema do patriarcalismo, às mulheres de machado são realistas afugentadas da submissão do romance idealizado, mas, apesar disso, sempre predestinadas em relação ao sofrimento amoroso, a desilusão ou até a morte da personagem.

Ao lembramos desse momento literário do romantismo, a pesquisadora Jaqueline Padovani da Silva, em *Desta para a melhor: a presença das viúvas machadianas no jornal das famílias* (2015) tece as seguintes argumentações:

Ainda que a grande maioria das narrativas publicadas ao longo dessa revista tenha procurado priorizar a focalização estereotípica da mulher modelo – embora nem sempre tenha sido mantida a gravidade dessa perspectiva, como poderá ser constatado mais adiante –, foi a seção de poesias, em especial, que mais enfocou as donzelas de modo casto e angelical. Não se deve deixar de sopesar, entretanto, que, ainda dentro da escola romântica a mulher foi transformada em símbolo de sensualidade e, algumas vezes, de degradação. A figura feminina do Romantismo, portanto, não se limitou ao estereótipo de mulher-anjo ou de mulher-modelo. Ao contrário, também houve, nas representações desse movimento literário, a descrição de personagens mais complexas e mais inclinadas à satisfação de desejos pessoais (Silva, 2015, p. 38).

A figura da mulher está ligada à imagem sensual, em razão de que o homem tem desejos carnis ligados a suas satisfações pessoais. No patriarcalismo, a imagem da mulher está ligada ao sagrado, à família, na obrigação de esposa e mãe confinadas aos lares impostas ao poder e a submissão enquadrando/moldurando as normas impostas pela sociedade e pela visão do mundo. A heroína romântica convencional fica na moldura dos valores e ideologias impostas pela sociedade da época, mas no intuito de compreender a representação da mulher, buscar pela sua autonomia, liberdade e visibilidade, mesmo que isso custe a sua vida.

Desse modo, no desfecho do conto, as personagens Margarida e o doutor Mendonça, ambos se renderam ao amor, aos desejos pessoais, mas a princípio ele diz a Margarida que era para salvá-la de ficar falada pela sociedade burguesa em declínio da época. Portanto, percebemos o tanto que Mendonça sofreu e buscou pelo amor de Margarida, todavia, ela era um troféu, e, assim, ele conseguiu seu objetivo

de tê-la e gostaria de guardar em casa como recompensa de todo sofrimento e ilusão que tiveram, no decorrer do conto. Margarida, iludida, caiu, novamente, na cilada do amor, incompreendida e tornando-se uma heroína romântica solitária. E Miss Dollar poderia descansar eternamente, na perspectiva que tinha deixando sua dona com seu amor eterno.

Considerações finais

Como últimas considerações, vimos um pouco da perspectiva do gênero conto, como a intenção de contar relatos e informações do cotidiano, e a imprensa foi essencial para a propagação e publicação dos folhetins machadianos. O conto *Miss Dollar* demonstra a capacidade de Machado de Assis em explorar as contradições sociais de sua época. Em suas narrativas, a figura feminina oscila entre a conformidade e a resistência aos padrões patriarcais. Margarida, apesar de independente, permanece limitada pelas expectativas sociais e pelo sofrimento amoroso. Machado emprega a sátira e a ironia para evidenciar a fragilidade da idealização romântica.

Ao analisarmos o *corpus Miss Dollar*, notamos as características de uma figura feminina na beleza, na delicadeza, nas vestimentas, mas o narrador nos apresenta Miss Dollar, a qual seria portadora de uma história de amor conturbado pelos sentimentos entre as personagens Mendonça e Margarida. O fato é a ironia e a sátira permeando em uma sociedade que vivia de aparências, ao oferecerem gratificação para devolução da cachorrinha, como se ela própria fosse da nobreza.

Outro aspecto é a escrita machadiana nas figuras femininas, percebida na citação de Gledson, para quem eram importantes essas figuras femininas na obra machadiana, sendo essenciais para compor suas narrativas realistas com mulheres fortes. Notamos as características do mal do século durante um período da personagem Mendonça, a qual se diz estar sendo levada à loucura.

O sistema patriarcal, que insere a mulher no contexto de submissão e de invisibilidade, e nas obras machadianas, temos representação de mulheres fortes e valentes para enfrentar o cotidiano, mesmo sabendo da historiografia literária de

opressão e dominação do poder do homem contra à mulher. Dessa maneira, essa representação social, a torna visível perante a sociedade, mas a imagem da heroína romântica [e atrelada ao contexto social de ser exposta à sociedade, por receber visita de um homem solteiro perturba Margarida.

A revelação de que Miss Dollar é uma cadela galga e não uma mulher enfatiza a crítica à idealização romântica. Margarida, a verdadeira heroína do conto, desafia os padrões sociais ao rejeitar o casamento idealizado. Margarida é descrita como uma viúva rica e independente, mas também como um troféu para o doutor Mendonça, que idealiza o amor romântico. Este contraste ilustra a tensão entre os papéis sociais impostos às mulheres e suas tentativas de resistência.

Portanto, o fato de utilizamos “romper” com aspas, serve como opção de rompimento parcial dessa submissão e opressão, já que a heroína romântica por mais que tente lutar contra esses padrões estabelecidos. As mulheres machadianas estão predestinadas ao sofrimento, desilusão amorosa e até mesmo à morte, a carência afetiva as torna invisíveis ao se submeterem ao romance fracassado, contudo uma personagem individual até para amar. É fato que Margarida é uma recompensa para Mendonça, que representa uma parcela dos homens contemporâneos que, às vezes, só querem sair com tais mulheres sem compromisso de romance, apenas para satisfazer o ego e alimentar o seu desejo.

Referências

ANDRADE, Alexandre de Melo. A crítica machadiana aos românticos. **REVISTA GARRAFA**. (PPGL/UFRJ), v. 17, p. 26-36, 2019.

ASSIS, Machado de. Miss Dollar. In: _____. **Contos Fluminenses**: texto integral. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção a obra-prima de casa autor; 252).

AUSTEN, Jane; BRONTË, Charlotte. **Juvenilia**. Editora Companhia das Letras, 2014.

BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Pulsar, 2001.

BERGAMINI, Denise Lopes. As Mulheres no conto de Machado de Assis. **Darandina Revisteletrônica** – Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, v. 1, n. 1, 2008.

Disponível em:

http://www.darandina.ufjf.br/textos/outubro_2008/artigos/as_mulheres_no_conto.pdf.

Acesso em: 17 nov. 2024.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

COSTA, Maria Edileuza da. Lindoia, moema... carolina, iracema: mitos românticos da literatura brasileira. **Interdisciplinar: Revista de estudos em Língua e Literatura**, n. 7. Aracaju/SE: UFS, 2008. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/issue/view/132/showToc>. Acesso em: 13 nov. 2024.

COSTA LIMA, Luiz. Representação social e mímesis. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**, p. 216-236, 1981.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOTLIB, Nádía Battella. **A Teoria do conto**. Obra digitalizada, Coletivo Sabotagem, 2004. Disponível em:

https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2538777/mod_folder/content/0/Nadia%20Battella%20Gotlib%20-%20Teoria%20do%20Conto.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 19 nov. 2024.

GRANJA, Lúcia; SANTANA JR., Odair Dutra. Aquém e além-mar: agentes, textos e estratégias na publicação de romances-folhetim do Jornal do Commercio (1827-1863). **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, jan./jun. 2018, p. 31-46.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Prismas).

SILVA, Jaqueline Padovani da. **Desta para a melhor**: a presença das viúvas machadianas no jornal das famílias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPG Digital- UNESP). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/138591>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Recebido em: 30/11/2024.

Aprovado em: 18/12/2024.